O CÁLICE E A ESPADA

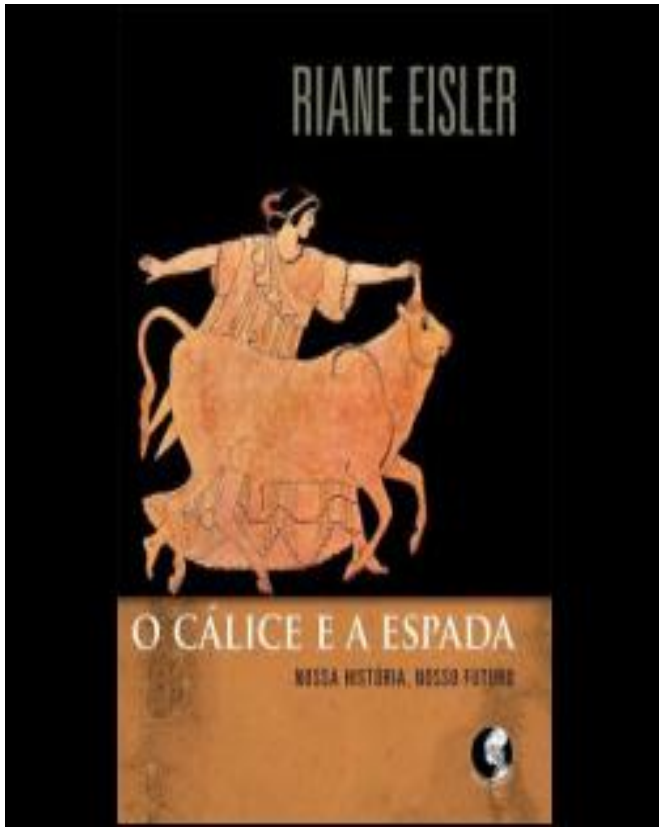
Nosso passado, nosso futuro

RIANE EISLER

CRISTIANE DA SILVA COIMBRA LIRA – MESTRANDA

EGC – COMPLEXIDADE, CONHECIMENTO E SOCIEDADE EM REDE, PROF AIRES J ROVER

Riane Eisler é socióloga, advogada e ativista social.



O LIVRO:

1. Viagem a um mundo perdido: os primórdios da civilização
2. Mensagens do passado: o mundo da Deusa
3. A diferença fundamental: Creta
4. Uma ordem obscura surge do caos: do cálice à espada
5. Memórias de um tempo perdido: o legado da Deusa
6. A realidade de ponta-cabeça: parte I
7. A realidade de ponta-cabeça II
8. A outra metade da história: parte I
9. A outra metade da história: parte II
10. Os padrões do passado: gilania e história
11. Rumo à liberdade: a transformação incompleta
12. O colapso evolutivo: um futuro de dominação
13. A descoberta evolutiva: rumo a um futuro de parceria

Modelos básicos de sociedade

Dominador é aquele comumente denominado patriarcado ou matriarcado: a metade da humanidade classificada como superior à outra metade.

“Na história dos seres vivos, a evolução é uma história de conservações.” (MATURANA, 2006, p 91)

Parceria, segundo no qual as relações sociais são baseadas num princípio de conexão ao invés de escalonamento.

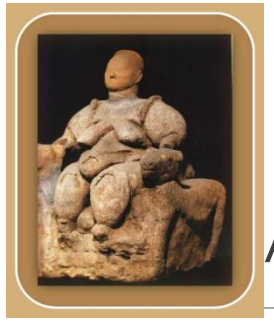
Nesse modelo, a diversidade (a começar pela diferença mais fundamental de nossa espécie: masculino e feminino) não equivale a inferioridade nem a superioridade.

“Nós temos a biologia do compartilhar, e isso se nota na vida cotidiana.” (Maturana, 2006, p. 92)

Uma outra forma de entender a história é desvendada por Eisler (2007): cientistas como Ilya Prigogine, Isabel Stengers, Edward Lorenz e Ralph Abraham suportam a ideia que a história transcorre em movimentos cíclicos, em oscilações que provocam bifurcações, podendo o sistema optar por mais de um futuro possível.(EISLER, 2007, p. 199)

As flutuações revelam-se em movimentos periódicos no sistema androcrático vigente em direção a um “atrator” do modelo de organização social de parceria. Há, portanto, uma ”poderosa alternância entre período de ascensão gilânica e regressão androcrática. “ (Eisler, 2007, p. 202).

Essa teoria da transformação cultural compreende que os períodos variam entre gilânicos a androcráticos, períodos femininos, criativos de parceria, a períodos masculinos, autoritários.



Pesquisas arqueológicas

A Deusa parece ter sido adorada originalmente em todas as sociedades agrícolas antigas. (Eisler, p. 63)

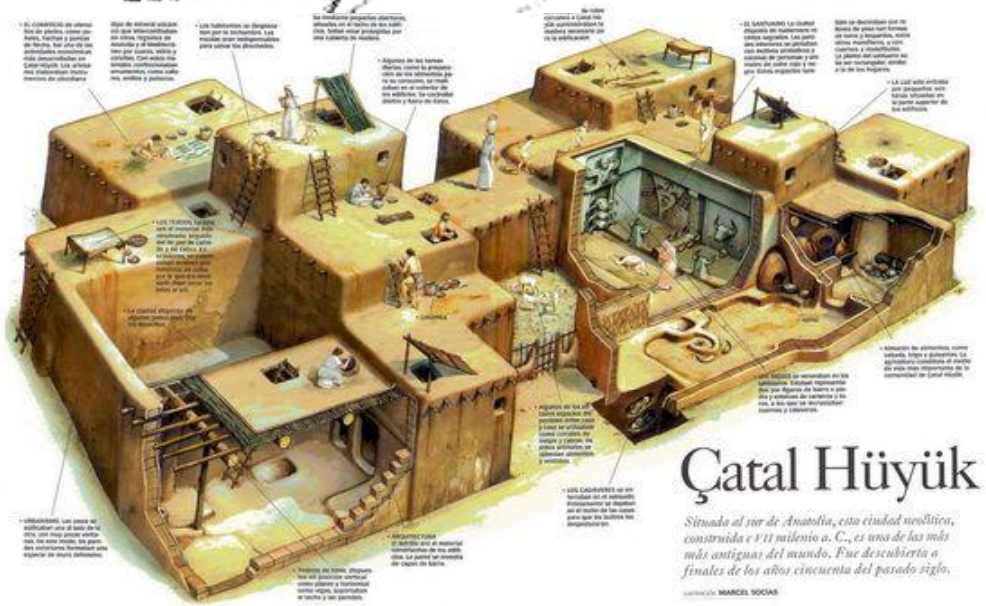
Paleolítico

Evidências arqueológicas sugerem que os santuários, estatuetas, cemitérios, ritos e pinturas rupestres parecem estar relacionados com a crença de que toda a vida vegetal e animal se origina da mesma fonte de onde brota a vida humana – a Grande Deusa Mãe ou Doadora de Tudo, que encontramos também em períodos posteriores da civilização Ocidental.

Neolítico

O avanço das descobertas arqueológicas sobre a pré-história descobriram dois sítios neolíticos: as cidades de Catal Huyuk e Hacilar. Nestas a cultura neolítica informações abundantes sobre uma peça que há muito faltava no quebra-cabeça do passado, afirma a Eiesler. “[...] o mais importante foi que o conhecimento adquirido nesses dois sítios indica uma estabilidade e continuidade de crescimento ao longo de muitos milhares de anos, o que permitiu o surgimento de culturas cada vez mais avançadas de adoradores da Deusa.

Os primeiros sinais do que os arqueólogos chamam de revolução agrícola ou Neolítico começaram a aparecer por volta de 9000 ou 8000 a.C, ou seja, há mais de dez mil anos.



Sítio Neolítico: Catal Huyuk

Europa Antiga

As escavações arqueológicas revelaram uma das características mais impressionantes e provocantes da sociedade da Europa antiga foi o caráter essencialmente pacífico.

A arqueóloga Gimbutas “observa numerosas indicações de que era uma sociedade matrilinear, ou seja, a descendência e a herança eram determinadas pela mãe. E mais, ela mostra que as evidências arqueológicas deixam poucas dúvidas de que as mulheres desempenham papéis-chave em todos os aspectos da vida dos antigos europeus.

A arte no neolítico

O mais impressionante nessas sociedades neolíticas que cultuavam a Deusa, algo que contrasta fortemente com os resquícios de seus primeiros e mais primitivos invasores dominadores masculinos, é a ausência de sepulturas luxuosas de “chefes”. Muito diferente de civilizações posteriores marcadas pela dominação masculina, como a do Egito, não vemos ali sinal de líderes poderosos que levaram consigo para o além humanos menos poderosos, sacrificados quando de sua morte. (p. 59)

do cálice à espada

“A ideologia prevalecente era ginocêntrica, ou guiada pelo feminino, e a deidade representada na forma de mulher. [...]Mas então veio a grande mudança, uma mudança tão colossal que, de fato, não se pode comparar a nada que conheçamos da evolução cultural humana.” (p. 90).

A mudança...

“Mas por volta do quinto milênio a.C., ou a cerca de sete mil anos atrás, começamos a encontrar

Evidências do que Mellaart chama de “padrão desintegrador” nas ovelhas culturas eolíticas do Oriente Próximos. Os achados arqueológicos mostram sinais muito claros de estresse em muitas regiões nesse período. Há evidências de invasões, catástrofes naturais, às vezes ambos, que provocaram destruição e deslocamentos em grande escala.” (p. 91).

A arqueóloga Gimbutas denomina os invasores de kungan – pastores de estepes que varreram a Europa pré-histórica. Os kungans pertenciam ao que os estudiosos classificam como povo indo-europeus ou arianos, um tipo que seria mais tarde considerados por Nietzsche, e depois por Hitler, como a única raça europeia pura.

Se não for patriarcado, tem que ser matriarcado

No entanto, as evidências não apoiam nenhuma dessas conclusões.

Em primeiro lugar, os dados arqueológicos agora disponíveis indicam que, do ponto de vista de sua estrutura geral, a sociedade pré-patriarcal era, segundo qualquer padrão vigente hoje, notavelmente igualitária.

“Em segundo, embora nessas sociedades a descendência fosse traçada pela linha materna, e as sacerdotisas e chefes de clãs desempenhassem papéis de liderança em todos os aspectos da vida, há pouca indicação de que a posição dos homens nesse sistema social fosse em qualquer aspecto comparável à repressão feminina característica dos sistemas de dominação masculina que o substituíram.”

“Essas duas alternativas afetaram profundamente nossa evolução cultural. A evolução tecnológica e social tende a tornar-se mais complexa independente do modelo prevalecente.” (p.72)

“Os homens com maior poder de destruir – os fisicamente mais fortes, mais insensíveis, mais brutais – ascendem ao topo da escala social à medida que em todo lugar as sociedades se tornavam mais hierárquicos e autoritárias. As mulheres – que como grupo fisicamente menores e mais fracas que os homens, e que guardam maior identificação com a visão antiga do poder simbolizado pelo cálice que dá e sustém a vida – foram sendo reduzidas à condição que assumirão dali em diante: tecnologias de produção e reprodução controladas pelo homem.” (EISLER, 2007, p. 103)

Para que o modelo de “dominação” prevalecesse sobre o da “parceria”, no que se refere às relações de gênero, as sacerdotisas, curandeiras e demais mulheres que se destacavam por seu papel na sociedade, foram afastadas bruptamente de seus antigos papéis sociais e dos seus poderes de decisão.

Sobre estabilidade e mudanças sistêmicas...

“As novas descobertas científicas oferecem uma reiteração. Esse corpo de conhecimento recentemente criado – popularmente identificado com a nova física e às vezes chamado de teoria da auto-organização ou teoria do caos - oferece pela primeira vez uma estrutura adequada para começarmos a compreender o que aconteceu na pré-história, e o que poderá acontecer novamente, mas agora na direção oposta.” (EISLER, 2007, p. 110).

Diferenciações...

A evolução biológica leva ao que os cientistas chamam de especiação, ou seja, o surgimento de uma ampla gama de formas de vida cada vez mais complexas. Muito diferente desta, a evolução cultural humana leva ao desenvolvimento de uma espécie altamente complexa – a nossa - que tem duas formas: a feminina e a masculina.” (Eisler, 2007, p. 111).

No prefácio do livro, Maturana lança questionamentos: Como seria viver centrado numa conversação de harmonia com a natureza e não na busca de seu controle e dominação? Como seria viver na cooperação, no prazer da convivência, ao contrário de na competição? Como seria viver sem buscar uma justificação racional para dominar o outro, não pretendendo ser o dono da verdade?

“Eu digo que é preciso fazer a pergunta pelo observador porque vivemos um momento histórico na humanidade no qual nos manipulamos mutuamente, com a pretensão de termos acesso privilegiado à realidade em si. (MATURANA, 2006, p. 44)

A Teoria da Transformação Cultural

Propõe que a orientação original da principal corrente de pensamento de nossa evolução cultural apontava para a parceria, mas que, depois de um período de caos e quase total desagregação cultural, houve uma mudança social fundamental.

Nessa perspectiva temos examinado dois aspectos da dinâmica social:

Primeiro diz respeito à estabilidade social: por milhares de anos, as sociedades humanas se organizaram de uma forma diferente daquela que aprendemos ser o modo de organização de todas as sociedades humanas.

Segundo diz respeito aos sistemas sociais que, como outros sistemas podem mudar e de fato mudam fundamentalmente. (EISLER, 2007, p. 110).

Eisler (2007, p. 111) conclui: “O exemplo mais óbvio é a tecnologia. Sob a orientação cultural do paradigma de parceria, a ênfase estava nas tecnologias par afins pacíficos. Com a ascensão do paradigma dominador houve uma mudança que levou ao desenvolvimento da tecnologia de destruição e dominação que, ao longo dos séculos, escalou sem cessar até chegarmos à nossa época e ao risco de extinção.

Transformação

"A passagem para um novo mundo de renascimento psicológico e social exigirá mudanças que ainda não é possível prever, nem mesmo imaginar." (EISLER, 2007, p. 277).

Maturana prefaciando essa obra diz: "Riane Eisler propõe sua resposta: a cultura solidaria ou a cultura da parceria, e a propõe como um alternativa, como um convite a um ato responsável que é o viver a transformação do patriarcado a partir do fundamento do humano na biologia do amor. [...] que a solidariedade é o fundamento de uma cultura não alienada pela cultura patriarcal, sendo também o fundamento do humano, e que, se quisermos poderemos nele viver." (p. 20).

Portanto, se nos voltarmos para dentro de nós mesmos e tomarmos consciência do que estamos fazendo, talvez sejam possíveis grandes transformações.

Para tanto, um primeiro passo seriam mudanças na reprodução dos valores sociais que enfatizem um modelo de parceria e de cooperação entre todos os seres humanos.

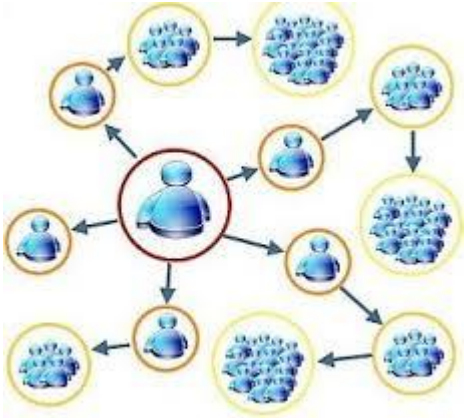
Eisler aponta mudanças como consequências da retomada de nossa evolução cultural interrompida:

- Viver livre do medo da guerra;
- Problemas de poluição e degradação ambiental e esgotamento dos recursos naturais também diminuirão nos anos de transformação;
- Programas de ajuda financeira, reforma agrária e treinamento profissional moderno;
- Quando as mulheres não mais forem tratadas como animais de cria e carga e tiverem maior acesso a saúde, educação e participação política, não apenas a metade feminina da humanidade mas toda a humanidade será beneficiada;
- Consciência de nossa ligação com todos os outros membros de nossa espécie deverá gradativamente diminuir a lacuna entre nações ricas e pobres.

- Quando as relações mulher-homem passarem do grau hoje vigente de suspeita e recriminação para uma parceria aberta marcada pela confiança isso refletirá nas famílias e na comunidade;

- Haverá repercussões positivas também nas políticas nacionais e internacionais e na diminuição de suicídios e divórcio até espancamento de esposas e filhos, vandalismo, assassinato e terrorismo internacional;

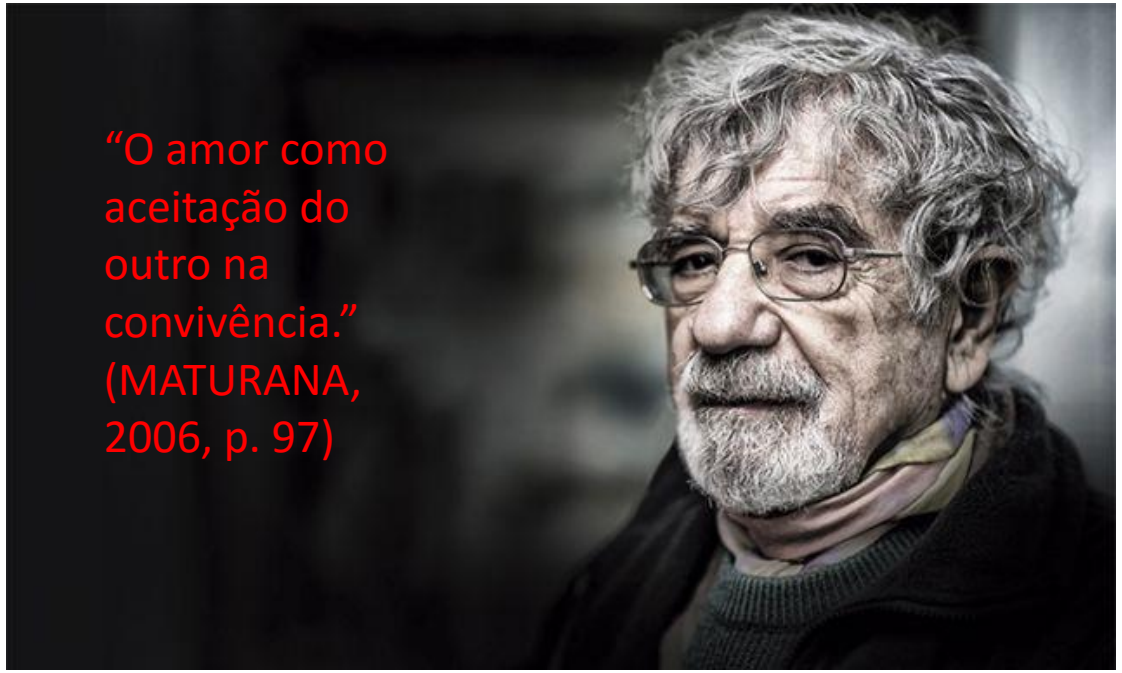
- Práticas como mutilação sexual feminina, o espancamento de mulheres e todas as formas mais ou menos violentas, através dos quais a androcracia vem mantendo as mulheres “em seu lugar”, serão vistas não como uma tradição sagrada, mas como aquilo que realmente são: crimes gerados pela desumanidade do homem contra a mulher.



Unidades sociais menores estarão ligadas a matrizes ou redes em função de vários objetivos comuns, desde o cultivo agrícola e pesca cooperativos até a exploração espacial, a partilha de conhecimentos e a promoção das artes . (EISLER, p. 279)

“Tudo o que temos em comum como seres humanos é uma tradição biológica que começou com a origem da vida e que se estende até hoje, nas variadas histórias dos seres humanos deste planeta.” (MATURAN E VARELA, 1995, p. 260).

Maturana e Varela (1995, p. 264) concluem no livro A árvore do conhecimento não tem apenas o propósito de ser uma pesquisa científica, “mas também o de nos oferecer uma compreensão do ser humano na dinâmica social e nos libertar de uma cegueira fundamental: a de não nos darmos conta de que só temos o mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum.”



Referências bibliográficas

BRIGNOLI, **O cálice e a espada**: a síntese crítica sobre a abordagem do paleolítico, 2011. Disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-c%C3%A1lice-e-espada-uma-s%C3%ADntese-cr%C3%ADtica-sobre-abordagem-do-paleol%C3%ADtico. Acesso em 16 abril 2016.

EISLER, Riane. **O cálice a espada**: nosso passado, nosso futuro. Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Plas Athena, 2007.

GIONVANA**. Gilania e história,** 2011. Disponível em: http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/gilania-e-hist%C3%B3ria. Acesso em 16 abril 2016.

MATURANA, Humberto. **Cognição ciência e vida cotidiana**. Org. e trad. Cristina Magro e Vitor Paredes.. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto R.; VARELA G., Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Trd. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editora Psy II, 1995.